



PRIMAVERA

1969

PRIMAVERA

1988

BOLETIM

internacional

Religiosas do Sagrado Coração de Maria

ROMA

PRIMAVERA

1969

.....

A Educação num "welfare state"	1
Alguns Pensamentos sobre Governo na vida comunitária de hoje - por Sr. Corinne Dullard, RSCM Província da Califórnia	4
Experiência Estudantil em Nanterre por Sr. Paul Marie Hunt, RSCM Vice Província Internacional	8
Serviço Social - Lisboa por Ir. Maria de Fátima Neves Silva, RSCM Província Portuguesa	10
Ecumenismo Província Anglo-Irlandesa	14



BOLETIM

Internacional

1998 - 10 - 08

1998 - 10 - 08

1998 - 10 - 08

1998 - 10 - 08

1998 - 10 - 08

1998 - 10 - 08

a educação num «welfare state»

PROVINCIA ANGLO-IRLANDESA

Porque os estudantes e visitantes de outros países manifestam muitas vezes surpresa - embora com perspectivas diferentes - quanto às oportunidades educacionais proporcionadas a todas as crianças inglesas, pareceu-nos que faria luz sobre a nossa política educacional e sobre o nosso apostolado traçar a "história" de uma criança ao longo de toda a sua carreira escolar. A nossa Maria, portanto, pode ser filha de um doutor, de um especialista, de um cientista, de um professor ou de um membro do Parlamento, ou de um operário, um agricultor, ou um imigrante índio, africano, jamaico. E se ela não é todas estas coisas, certamente as encontrará ao longo da sua carreira escolar.

O pai de Maria poderia ter escolhido fazer a sua educação numa Independent School ou mesmo numa Public School, mas escolheu uma State School a Maria começará a ir à escola logo depois dos cinco anos. Serão poucos os Pais de "Marias" que não desejem que elas comecem aos cinco anos, mas não podem escolher, a Autoridade poderá dizer-lhes que devem esperar.

Maria, portanto, entra na Infant School e aí ficará até aos sete anos. Daqui passa para a Junior School até aos onze. Neste tempo, Maria foi crescendo em sabedoria e teve à sua disposição todas as canetas, lápis, livros pinceis, cores, etc., de que precisou. Aprendeu a nadar, a tocar violino, a dança, a ginástica. Aprendeu a ler, escrever, a falar Francês. Teve lições diárias de Catequese e o autocarro condu-la a casa e à escola. Todas as manhãs teve a sua chávena de leite, às 10,30h. e o seu almoço substancial e requintado às 12,30h. O pai de Maria não teve que se preocupar com facturas porque a sua

educação não lhe custou directamente nada. E durante os muitos anos que restam ainda, não custará igualmente nada.

Aos onze anos, Maria passa para a Comprehensive School e, embora os seus benefícios e oportunidades académicas cresçam, a posição económica do pai, em relação à escola, é a mesma. Maria já não recebe o leite ao meio da manhã, continua a usar o autocarro, aumenta a receita para livros, assim como para outras despesas. De vez em quando terá oportunidade de ir a conferências, concertos, sessões, e até mesmo umas férias no continente lhe podem ser parcialmente pagas. Aos 16 anos, tem o primeiro exame público e porque é verdadeiramente muito dotada, a classificação obtida dá-lhe direito a ficar mais dois anos na escola. Decide dedicar-se a Ciências porque, suponhamos, quer ser médica. Joana, amiga de Maria, também quer ser médica, embora o pai, que trabalha numa fábrica de vidros, não conheça o seu desejo.

Maria tem a felicidade de estudar em laboratórios inteiramente equipados, enquanto outras "Marias" se sentem igualmente felizes nos laboratórios de línguas e estúdios de Arte. Muitas "Marias" contemporâneas deixam a escola aos 15 anos. De facto, sentiam-se tão cansadas de livros e tão incapazes de uma licenciatura que a teriam deixado ainda mais cedo, mas uma vez mais a lei não lho permitiu. A vida teria sido muito aborrecida para elas se não fossem os jogos e formação doméstica, assim como a costura e trabalhos manuais. Se Maria não tivesse sido classificada com mais de 16 valores, teria seguido uma escola técnica ou secretariado.

Aos 18 anos, portanto, a nossa Maria continua a ser o nosso orgulho! Conquista um lugar na Universidade. Agora sente-se aliviada, pois por vezes a competição era tão grande que lhe parecia não ser capaz de atingir o nível requerido. Também se sente contente pelo

facto de Joana continuar igualmente a estudar, o que não constituiu surpresa para Maria, pois a inteligência de Joana foi classificada como superior à sua.

Até agora, a educação de Maria não custou nada ao pai. E a mais velha de quatro irmãos, doutro modo teria pago 1 shilling e seis pen- ce, diariamente, para o seu almoço.

Chega Outubro, e Maria e Joana estão finalmente no seu quarto ano de Universidade. Joana sente-se por vezes um pouco ansiosa, ao pensar que não será capaz de contribuir para o cofre familiar, embora consiga de vez em quando, graças à sua boa administração, fazer uma surpresa dando algum dinheiro da sua bolsa universitária. Parece-lhe que, com cuidado, poderá fazer algumas economias, embora a vida na Residência Universitária tenha grandes atractivos. Maria tem igualmente que ser económica. O ordenado do pai é bastante elevado e se fosse filha única teria que pagar as suas despesas na Residência Universitária por inteiro, mas como os irmãos mais novos frequentam ainda a escola, fizeram-lhe uma redução considerável. Só se o pai de Maria fosse muitíssimo rico é que pagaria parte das despesas universitárias. Maria é advertida de que tem de estudar seriamente, pois está a gastar não só do dinheiro do pai mas também do do Estado. Esta exortação repete-se todos os períodos escolares quando, ao pequeno almoço, recebe o comunicado da sua contribuição pecuniária para os serviços públicos.

Maria chega ao fim, assim como Joana. Maria é agora doutora e Joana também, mas esta foi tão feliz nos exames finais que lhe foi oferecida uma bolsa de estudo e aceita-a com alegria. Satisfará a sua capacidade mental e ao mesmo tempo permitir-lhe-á conhecer a vida na África Oriental. O pai sente-se feliz por ela ter correspondido. Beneficiou de todas as facilidades académicas, desde os cinco anos. O pai de

Joana é igualmente feliz. Ele nunca se interessou pelos livros, mas sente-se orgulhoso porque, apesar da sua condição modesta, a filha será conhecida como Doutora Joana.

alguns pensamentos sobre governo na vida comunitária de hoje

por Sr. Corinne Dullard, RSCM (Província da Califórnia)

Extraído do Boletim Provincial, "Continuum" Vol. 1, No.6

Como bem foi exposto na reunião da Comissão de Avaliação de Experiências, a 22 de Março, "hoje em dia, uma experiência de Vida comunitária é necessariamente uma experiência de governo."

Os meus sete meses na comunidade experimental de Repetto Street permitiram-me formar uma opinião alicerçada e, espero, honesta, sobre uma situação que estive completamente ausente na minha vida durante este ano: relações superiora-comunidade.

Enquanto, por um lado, todos sabem que a Sister Celine foi oficial ou canonicamente a superiora do grupo de Repetto Street, para tudo o que respeita à vida prática, nós as cinco não tivemos superiora. Fizemos absolutamente uma experiência sobre governo: decisões de grupo quando eram necessárias, decisões pessoais na maior parte do nosso dia.

Tudo isto foi feito sem a presença de uma superiora, coordenadora, ou mesmo de um "leader" reconhecido ou designado.

Também foi exposto, ou implícito, algumas vezes na Comissão de Avaliação de Experiências que a vida comunitária parece caminhar para um tempo em que não haverá superiores, ou pelo menos, não o serão nos moldes em que o foram no passado. Penso que foi uma situação assim que me foi dado viver com as outras quatro Irmãs, este ano. Cada uma de nós experimentou uma independência que nunca até aqui tínhamos conhecido na nossa vida religiosa. Esta independência foi simultaneamente alimentada e respeitada. A experiência foi maravilhosa. Não houve a tensão das licenças, não houve medo nem faltas ou deshonestidades por causa do que outros pudessem pensar - houve apenas a tensão de escolha e de responsabilidade, própria de qualquer actividade humana. A experiência, creio, deu-nos uma atmosfera de liberdade onde cada uma pode crescer, amadurecer, ser ela própria, fazer escolhas, errar, dedicar-se, ou também viver egoistamente. Respondendo a uma necessidade humana básica, penso que fomos, mais do que nunca, indivíduos que se autogovernaram. Eu, pessoalmente, cheguei a um maior conhecimento do meu voto de obediência como resposta, não a uma pessoa que sugere, acena ou ordena determinadas acções, mas a uma comunidade de Irmãs que "se esforçam por descobrir em conjunto o que é que Deus quer delas". Achando esta corresponsabilidade simultaneamente libertadora e exigente em relação à nossa vida comunitária, comecei a surpreender-me de encontrar no Documento sobre Governo o papel da Superiora completamente traçado. Isto é meramente para cumprir uma prescrição do Direito Canónico, ou é qualquer coisa mais?

Serão as superiores necessárias?

Não há dúvida de que muitas religiosas estariam de acordo em que o que conhecemos e experimentámos no passado sobre governo nem sempre foi o melhor para crescer em maturidade ou para participar na missão de Cristo. Penso que a nossa experiência de Repetto Street mostrou que qualquer espécie de supervisão ou controle sobre pessoas que se comprometeram por voto com Cristo, parece desnecessária.

Contudo, que pensar da "liderança" ("leadership") ?

Também aqui muita gente concordaria em que para qualquer grupo é necessário um chefe. Actualmente, eu penso que a presença de um "leader" reconhecido é necessária se um grupo de religiosas quer trabalhar unido, como comunidade, na missão de Cristo.

Talvez isto pareça em contradição com o que eu disse no princípio. Mas penso que não. Penso que talvez as nossas noções de comunidade e do que podem realizar sejam idealistas. Bastará, para partilharmos o diálogo, a oração, a aceitação das responsabilidades e a visão da Missão de Cristo, uma liberdade física? Penso que todas teremos experimentado um pouco o que diz S. Paulo.: "Eu mesmo não me compreendo. Faço o mal que não quero e não faço o bem que quero." (Rom. 8, 15-16)

Eu reconheço que uma comunidade precisa da presença de alguém devotado que seja o "leader inspirado" de que se fala no Documento do Governo. Um grupo precisa de constante apoio, especialmente quando trabalha no reino do Espírito, como é o caso das religiosas. Os membros de um grupo podem garantir-se apoio mútuo; um leader pode conduzir o grupo de modo a chegar aqui. Não me parece que possamos confiar ingenuamente no "êxito" da liderança em qualquer momento. Pode acontecer, mas também pode não acontecer. Além disso, uma comunidade de pessoas deve ter um leader e este, em ordem ao cumprimento da sua missão, deve ser reconhecido. Talvez por votação ou nomeação. Por enquanto, talvez seja preciso ainda a nomeação porque os factores humanos numa comunidade são muito fortes. Penso que as comunidades precisam de uma presença, a tempo inteiro ou temporariamente, que "inspire, unifique e dirija" a comunidade na sua missão eclesial. No nosso Documento sobre Governo estas qualidades são indicadas para a missão da superiora geral. Parece-me que isto é tanto mais necessário

quanto nós temos uma liderança a nível local. Penso que é idealismo supor que um grupo pode conservar-se unido durante muito tempo na base de uma presença física, liberdade ou mesmo camaradagem, sem voltar frequentemente ao seu ponto básico de referência: Cristo... as suas atitudes, o seu espírito, a sua missão. Mas isto, é o que parece estar tantas vezes ausente das nossas vidas. Alguém deve conduzir, ser o "leader inspirado", e empenhar-se em servir como testemunho do espírito que o grupo se propõe alcançar.

Não há dúvida de que seria fantasia pensar que qualquer pessoa pode fazê-lo. Não é menos irreal supor que uma comunidade inteira pode sempre e em qualquer situação, como grupo, ter vivo o seu propósito de ser uma comunidade? Penso que a vida comunitária se encaminha para um tempo em que não haverá superiores, mas penso que é também muito importante não esquecer a necessidade de uma liderança fortemente espiritual e centrada na Igreja. Talvez que num futuro próximo, ou agora mesmo, a única espécie de liderança para as religiosas, por que pessoas independentes que escolheram viver em comunidade, será aquela que saiba "inspirar, unificar e dirigir" um grupo no seu caminho de reconciliação do mundo com Cristo.

Experiência estudantil em Nanterre

por Sister Barbara Hunt, RSCM..... Vice Província Internacional
.....

Em 1964, quando parti para a Rodésia, tinha completado três anos de estudos na Sorbonne. Quatro anos depois, voltei para acabar a minha licenciatura e encontrei uma situação muito diferente. A França começava justamente a restabelecer-se das consequências da revolução de Maio e surpreendia-se ainda de como tudo aquilo podia ter acontecido. Num esforço por descentralizar a Universidade, alguns de nós fomos transferidos para Nanterre, onde tinha começado a agitação. Encontrando-me numa tal atmosfera explosiva, pareceu-me prudente não chamar a atenção como religiosa.

Grandes transformações tinham ocorrido no sistema educacional de França desde a minha partida. Iam longe as aulas para milhares de estudantes apinhados em edifícios apertados. Em vez disso, turmas de trinta e cinco alunos e aulas activamente participadas e comentadas em salas amplas e modernas. Iam longe os tempos em que o professor era olhado como um oráculo. Agora, era evidente por toda a parte a iniciativa dos estudantes e a liberdade de expressão. Tendo visto o resultado das organizações estudantis, a polícia e as autoridades civis eram cada vez mais cuidadosas a seu respeito. O facto de as Faculdades de Direito e de Letras estarem construídas no mesmo local sugeriu-lhes ainda maior precaução.

Precisamente o facto de ser uma dos muitos estudantes permitiu-me ver a vida estudantil a uma luz nova. A princípio, os estudantes da minha sala pareciam inteiramente indiferentes a quem quer que viesse de fora e foi precisa uma grande perseverança da minha parte para conseguir conhecê-los. Apesar das aparências, depressa descobri que eram adolescentes crescidos, absolutamente inseguros de si mesmos. Eram rápidos a destruir, mas incapazes de uma substituição válida. Sabiam criticar mas ignoravam a solução melhor. Nesta altura voltaram-se para os professores que no meu entender eram prudentes e simpáticos, sa-

bendo fazer-se respeitar. Depois que lhes expliquei que era religiosa, fizeram tudo por me ajudar no estudo e mostraram-se muito interessados pelo meu trabalho como educadora.

Apesar das muitas reformas que já tinham sido levadas a cabo, nenhuma era perfeita. Para mostrar a sua força, o Governo mandou cercar o edifício com dois mil polícias, o que originou uma semana de violências. Um mês depois, ocorreu nova violência, durante a qual foram atingidos vários estudantes. Um dos meus colegas tinha sido seriamente ferido numa vista devido à explosão de uma granada. Num tal ambiente era difícil trabalhar a sério, e o Ministro da Educação ameaçou fechar Nanterre se continuassem as agitações. Felizmente, o Governo respondeu às petições dos estudantes e eu pude concluir a minha licenciatura em Letras Modernas.

Agora que completei o curso, encontro-me numa posição mais favorável para avaliar a experiência no seu conjunto. Embora tivesse havido muitos momentos de frustração e desânimo, parece-me que Nanterre me ajudou a ser mais pessoa. Pela minha plena inserção na vida estudantil, como um deles, pude conhecer as suas aspirações e problemas, conhecimento tão necessário para o meu futuro trabalho de educadora. Então, também, neste meio aparentemente anti-religioso admirei a dedicação destes jovens cristãos que procuram tornar Cristo sensível à sua volta. Aproveitei do exemplo de integridade intelectual e genuíno interesse por cada aluno, da parte dos professores. Em resumo, fui muito feliz por ter conseguido encontrar Cristo no ambiente de Nanterre e posso apenas desejar que os meus novos amigos digam o mesmo a meu respeito.

serviço social

LISBOA

A Ir. Maria de Fátima Neves da Silva, RSCM, é finalista do Instituto Superior de Serviço Social, em Lisboa, e faz este ano o seu último estágio na Casa Pia, instituição do Governo para órfãos e abandonados. Este artigo, originariamente dirigido à Província, descreve o seu trabalho nesta fase final do curso.

.....

No Instituto de Serviço Social anunciaram-me o género de estágio que me ocuparia quase todo o tempo do ano lectivo. Fá-lo-ia em "Pina Manique" - secção da Casa Pia - tentando a integração dos rapazes na comunidade externa. Para isso, trabalharia com voluntários, rapazes e raparigas universitários, que eu teria de procurar, e que se ocupariam das suas horas livres, sob a minha orientação. Deram-me a direcção da instituição e o horário de serviço. Tudo o mais, ficava à minha responsabilidade e iniciativa.

Comecei por tentar conhecer a instituição.

Pina Manique é uma das muitas secções da Casa Pia. Dedicase à educação e instrução de mais de 700 rapazes, entre os 10 e os 18 anos, que seguem os cursos de formação comercial ou industrial, conforme os testes de orientação profissional.

Estes rapazes vêm das mais variadas posições sociais, por vezes mesmo de famílias de relevo na vida nacional, mas que, por circunstâncias várias, constituem um perigo de ordem moral, no seu próprio meio. Muitos entraram na secção aos 12 ou 13 anos, mas a maior parte já vem de outras secções, onde ingressaram aos 3, 7 e 10 anos.

Alguns têm a visita dos pais, em geral da mãe, mas outros ignoram a

■ Existência da família.

Quando visitei pela primeira vez a instituição, depois de já me ter informado sobre ela, julgava que ia encontrar crianças tristonhas, intimidadas, ou revolucionárias e revoltadas. A realidade, porém, deparei-se-me muito diferente. Se não fossem as fardas de sarja cinzentas, que felizmente estão a desaparecer, julgar-me-ia num Liceu de Lisboa, com os seus rapazes vivos, despachados, talvez menos delicados. Fiquei encantada.

A instituição é muito antiga - mais de 200 anos - com estruturas bastante rígidas, falta de educadores, poucos recursos financeiros, instalações de tamanho colossal e desconfortáveis. Os rapazes sentem-se normalmente perdidos na massa, sem qualquer estímulo pessoal, sem possibilidades de iniciativa, sem senso moral, sem responsabilidade individual. Ao mesmo tempo, há uma vontade enorme, da parte da Direcção, de proporcionar aos educandos um ambiente normal, contactos externos, de os ajudar a ser homens.

Os alunos com mais de 12 anos podem passar os fins de semana com a família - os que a têm. Durante a semana podem sair para reuniões, actividades de Escutismo, desporto, arte (ballet), etc., onde estejam inscritos. Para qualquer outra saída, só com as Assistentes sociais, Professores e Universitários, que os podem levar a passeios recreativos ou visitas de estudo.

Têm do mundo e da sociedade uma imagem ideal, onde tudo é liberdade, gosto de viver, felicidade. Mostram-se ciosos de saídas, mas no regresso vêm descontentes, desiludidos, porque não encontraram as maravilhas que esperavam. Querem relacionar-se, contactar, e revoltam-se porque a timidez não os "deixa ser" quando estão junto de estranhos. No que se refere a contactos com raparigas, a situação agrava-se. Têm da mulher uma concepção deturpada, resultante de certos exemplos familiares e da baixa literatura que devoram às es-

condidas. A agravar a situação, a falta de formação religiosa, dado que o último capelão não conseguiu conquistar os rapazes e o ano passado não se encontrou sequer um sacerdote que se interessasse por eles. Só dois terços dos alunos têm aulas de Religião com um seminarista verdadeiramente empenhado, mas que depara com inúmeras dificuldades de vária ordem, e duas religiosas Franciscanas dedicam-se aos mais novinhos.

O simples contacto com os Universitários é já para eles um meio de entrarem no conhecimento do mundo exterior. Além disso, o trabalho em pequenos grupos é muito importante. Junto de uma presença amiga, sentem-se à vontade para serem eles mesmos. Encontrar estes Universitários voluntários, organizar com eles os grupos, orientá-los, procurar material, tratar com as entidades, tudo isto constituía o meu trabalho.

Vencidas as primeiras dificuldades, consegui um grupo de trinta rapazes e raparigas que têm sido perseverantes. São de várias idades, predominando os que oscilam entre os 20 e 25 anos, uns de Letras e outros de Ciências. Algumas raparigas são do nosso Lar e alguns rapazes são os seus noivos ou amigos, outros são de outros Lares que eu visitei precisamente com o fim de lhes pedir ajuda. A princípio, todos se mostravam receosos de não corresponderem ao que lhes era pedido, mas foram-se animando mutuamente e ganhando entusiasmo. Pediram espontaneamente reuniões periódicas sobre temas de Pedagogia e Psicologia e também para vermos em comum os problemas e as experiências vividas. Ainda que seja eu a orientar as reuniões, os temas podem se preparados e expostos por algum deles, como já aconteceu. Reunimo-nos quer no nosso quer em qualquer outro Lar, e após umas duas horas de discussão conversamos livremente, em geral por espaço de uma meia hora, vencendo o sono e o cansaço depois de um dia de trabalho. Já planeámos uma tarde de convívio e um pic-nic.

Além destas reuniões gerais, procuro encontrar-me semanalmente com cada grupo de voluntários. Tratamos assuntos directamente ligados com o grupo de alunos de que são responsáveis: análise dos problemas concretos e possíveis soluções, planificação de actividades - jogos de pista, de sala, visitas de estudo, passeios, simples conversa sobre toda a espécie de assuntos, dentro das possibilidades de imaginação e recursos materiais.

Os alunos aproximam-se de mim com toda a naturalidade e confiança, quer para pedir voluntários - os que ainda os não têm - quer para conversar ou tratar problemas pessoais. Igualmente com os Universitários, não têm faltado ocasiões de abordar os seus próprios problemas. De todos os lados me rodeia um ambiente de simpatia, de acolhimento, desde aquele professor que confessa "sabe, não sou crente, não consigo tratá-la por Imã, mas apareça, apareça, até pode ser que me converta - e trata sempre problemas religiosos quando o procuro por causa dos alunos, até ao Provedor que me agradece por ter ido trabalhar para esta instituição tão necessitada de uma presença religiosa.

Maria de Fátima Neves Silva, RSCM

ECUMENISMO

PROVÍNCIA ANGLO-IRLANDESA

Tendências Nacionais

Em Dezembro de 1967, a conferência episcopal declarou que os "Católicos Unidos" podem ser plenamente membros do "Conselho Local das Igrejas" e acrescentou que 'isto só é possível nos lugares onde a verdade mútua tenha já sido estabelecida'. A referência dos Bispos à verdade mútua é um reconhecimento do facto de que muitas regiões não estão ainda preparadas para uma tão íntima colaboração. Catholic Press e outras agências de informação, contudo, são animadoras na medida em que sugerem que a plena participação dos católicos na BBC vai crescendo.

Depois da declaração, grandes e generosos esforços têm sido feitos por todas as Igrejas britânicas, no sentido de uma maior união nos aspectos comuns para chegarem a tratar em conjunto os pontos divergentes. Clérigos de renome, muitas vezes tendo de enfrentar a crítica, têm falado nos púlpitos das Igrejas de outras confissões religiosas. Leigos católicos, assim como sacerdotes igualmente católicos, têm sido admitidos nos conselhos locais das Igrejas em vez de serem, como até aqui, meramente observadores. Em muitas regiões, sacerdotes e ministros encontram-se em "Fraternidades" clericais e reúnem-se regularmente para discutir assuntos de importância para as Igrejas locais e também para aprofundarem a sua visão das mútuas dificuldades através de leituras e conferências sobre teologia e pastoral prática. As Casas de Retiro e Centros de Conferências, católicos, são cada vez mais utilizados pelos clérigos não católicos e por leigos para as suas assembleias e conferências.

Entre os laicos, actividades como "People next Door" têm ajudado a compreender melhor quanto é necessário que os cristãos trabalhem unidos na comunidade, mais do que juntarem-se apenas para rezar durante uma semana do ano. A troca de visitas entre grupos de diferentes Igrejas, por ex. Young Wives, Mothers' Union, Young Christian Students e Young Christian Workers, têm levado à colaboração nas obras de caridade. Presentemente, os católicos participam activamente na Christian Aid Week, até agora limitada aos não católicos, e deste esforço comum têm surgido pequenos grupos, reunindo-se para estudo e discussão da Bíblia, umas vezes sozinho e outras vezes sob a orientação de um sacerdote ou de um ministro.

A nossa contribuição

Em muitas das nossas casas de Inglaterra, sobretudo ao Sul onde a população católica é relativamente baixa, uma percentagem de não católicos constitui sempre parte da Escola. Poderia dizer-se que as Escolas Conventuais são muito populares entre as famílias não católicas. Esta fusão de católicos e não católicos entre os nossos alunos resultou, ao longo dos anos, de um número de jovens convertidos que mais tarde casaram com raparigas católicas e cujos filhos católicos frequentam as nossas Escolas - os alunos não católicos são actualmente um grande número. Isto é devido ao aumento de estudantes asiáticos e africanos que vêm continuar os seus estudos em Inglaterra. Reina um ambiente de felicidade e católicos e não católicos vão às suas respectivas Igrejas, assim como Budistas, Muçulmanos e Judeus aos seus centros de culto respectivos.

Aulas para convertidos e aulas de preparação para matrimónios mistos constituem também apostolado das religiosas desde há anos. Depois do Vaticano II, têm-se dedicado menos a este trabalho dada a tendência actual para a organização, nas paróquias, de pequenos grupos de não católicos interessados. Muitas outras oportunidades se

deparam ainda sob a forma de leituras e cursos organizados. Merece referência especial o maravilhoso trabalho feito pelo Catholic Enquiry Centre, criado há aproximadamente doze anos, onde os não católicos podem ter de graça cursos por correspondência sobre os dogmas católicos.

Actualmente, as nossas religiosas procuram integrar-se profundamente no Movimento ecuménico. Ministros das diferentes Igrejas e alunos de Escolas não católicas unem-se a nós durante a semana da Unidade para participarem nas celebrações e as nossas religiosas e alunas, por sua vez, associam-se também às suas celebrações. Ainda durante a semana da Unidade, as nossas religiosas associam-se a outras confissões religiosas e algumas vezes representam mesmo a Igreja local participando nas leituras. De vez em quando organizam-se vigílias nocturnas. Durante essas vigílias, oradores clérigos e leigos de outras Igrejas vêm tomar parte e rezar pela Unidade dos Cristãos. São escolhidos diferentes temas: Serviço dos outros, Serei eu o guarda do meu irmão?, Que todos sejam um. Conferências, meditações, orações vocais, cânticos bíblicos, enchem a noite e bebidas quentes, assim como discussões, ajudam a concentrar a atenção no tema principal.

O coração das vigílias é a Missa, algumas vezes concelebrada, outras vezes oferecida apenas pelo sacerdote convidado. Durante uma vigília houve uma celebração penitencial antes da Missa.

Algumas religiosas são leaders ou membros de grupos ecuménicos locais. Estes grupos reúnem-se nas Igrejas ou nos salões paroquiais, outras vezes em casas religiosas e frequentemente em casa de qualquer membro. Tem-se feito experiências escolares quando alunos de escolas não católicas vêm participar nas nossas assembleias litúrgicas.

Merece referência um acontecimento especial de uma das nossas ca-

sas, que se realiza depois do Votivum II - a visita anual da Salvation Army. "A Army" diz que este dia é absolutamente o ponto culminante do seu ano. Trazem o coro e a banda e juntam-se às religiosas para a oração, cânticos de Natal e o chá.

Finalmente, o novo trabalho nas Escolas não católicas, trabalho que promete desenvolver-se multirracial. Uma das nossas religiosas pertence já à equipe de uma grande Comprehensive School não católica onde é responsável pelo ensino de História. Nestas Escolas, a população católica é muitas vezes considerável particularmente em regiões predominantemente não católicas e onde há falta de lugares nas Escolas católicas.